

bara e Paulo Barreto; sob alguns aspectos, caracterizam-na mesmo. O primeiro, mais jornalista do que escritor; o segundo mais escritor do que jornalista. Alcindo Guanabara, da fase em que o movimento abolicionista se avolumou, dominando a imprensa, à fase final da Guerra Mundial, foi o jornalista político por excelência, ora usado pelos escravocratas para combater a onda abolicionista avassaladora, ora para defender as idéias republicanas; no início do século XX, atacando o Governo e sofrendo por isso; depois, servindo ao Governo com a fidelidade do escriba, — e em todos esses lances trabalhando bem, escrevendo com clareza e com brilho; no fim, cético, desencantado consigo mesmo, apesar da notoriedade e das recompensas, vivendo o drama do homem inteligente que se conformou em servir a mediocridade; e terminando por figurar em episódio quase anedótico, que ficou inserido em sua vida como irreparável mácula, para os que o conhecem e repetem. Nada, em verdade, chegou para compensar a decaída do jornalista-servidor que foi, — nem a glória acadêmica, nem a notoriedade entre os pares, nem as funções públicas eminentes que desempenhou. Esse homem incontestavelmente capaz, lúcido, inteligente, consentiu sempre em apagar-se, em conformar-se, em submeter-se. Polemista seguro, como provou ser algumas vezes, no início de sua carreira principalmente, acabou aceitando traduzir apenas o pensamento alheio e limitou o seu prestígio e encontrou o seu público no restrito círculo dos que se interessavam pela pequena política<sup>(281)</sup>. Tinha consciência de seu papel e sofria

*sileira, O Malho, O Tico-Tico, Cinearte, Leitura Para Todos, Almanaque do Malho, Almanaque do Tico-Tico de 1922 a 1930; O Cruzeiro e Fon-Fon, de 1931 a 1934; além de A Noite, A Lanterna, A Nação, A Hora e Beira-Mar.* “Ele encontrou a figura isolada, sem acessórios que revelassem meio social ou ambiente doméstico e levou-a para a verdade dos interiores luxuosos ou miseráveis, encerrando-a na decoração correspondente à sua condição na existência, meteu-a com exatidão nas roupas contemporâneas. Foi dos primeiros a caricaturar o indivíduo sem esquecer o meio. Com paciente dedicação, estudou e observa a contínua oscilação dos nossos costumes, a cuja transformação acompanha. Fez das suas criaturas verdadeiros quadros, nos quais se reflete, como em límpidos espelhos, ora grotesca, ora banal, por vezes bela, em vários aspectos — a nossa vida social”. (*A Careta*, de 9 de outubro de 1910). Trabalhador infatigável, J. Carlos, em seus desenhos, glorifica a mulher e gera tipos, tendo, por isso, dimensão universal; soube, como nenhum outro, captar o espírito carioca; embalou a infância e fascinou os adultos. Tendo estreado, sob a direção de Raul e Calixto, no *Tagarela*, depois de ter abandonado em meio o curso ginásial, dedicou-se inteiramente à arte em que se imortalizaria, morrendo, fulminado, diante de sua prancheta de desenho, na *Careta*. Em 1950, realizou-se, no Rio, a grande exposição retrospectiva de sua obra e o Ministério da Educação editou álbum de seus desenhos. J. Carlos foi um mestre de seu ofício e sua obra é, como as de Debret e Rugendas, um quadro de costumes, e, como a de Agostini, uma crítica social e política.

(281) Alcindo Guanabara era, na realidade, pouco lido: “Alcindo Guanabara, em período de descrença política e de grande paixão por Mme. Chrysanthème, pseudônimo de uma filha de Carmen Dolores, a cronista do *O País*, raramente vinha à redação à noite e numerosas vezes não mandava o artigo de fundo, esperado todas as manhãs por Pinheiro Machado, deputados, senadores e confrades de imprensa — seu reduzido público”. (Gilberto Amado: op. cit., pág. 27).